



10ª Sessão

26 de junho de 2002

sinopse por Andréa Naccache

A música eletrônica, apresentada na sessão precedente, traz um silêncio que não é a interrupção do som, mas uma ausência que permeia o pulso, durante a música. Algo similar ao silêncio do analista.

Quando inaugurou seu seminário em 1953 – Forbes relata – Lacan foi criticado: ele não seria mais a tela em branco, suposta garantia de neutralidade analítica. Expondo-se, não teria mais o recurso do silêncio. Anos depois, Lacan fez claro que o silêncio do analista é a *ausência de angústia* em sua fala, ainda que se trate de um analista ruidoso. Hoje, Forbes propõe uma psicanálise em que o *silêncio* esteja no lugar do *recalque*.

O *recalque* é um conceito clássico de Freud: envolve o esquecimento e a culpa que lançam a atenção ao passado e têm a marca do pai, da repressão paterna (*Verdrängung*). Levantar o recalque foi um dia a meta da psicanálise – uma psicanálise ambientada na disciplina cristã.

Essa disciplina, porém, já não se sustenta como antes. A cruz, representante ocidental da ordem hierárquica, da verticalidade das identificações, está incendiada na capa da revista *Time* desta semana. A autoridade é questionada na globalização e a revista noticia o fenômeno mundial decorrente: “O medo, a fé e a imaginação alimentam a crença de que o fim do mundo está próximo”.

Se são identificados sinais do fim do mundo, na *Time* vêem-se números do movimento em busca da salvação: uma coleção de livros sobre o apocalipse intitulada “*Deixados para Trás*” já vendeu 60 milhões de exemplares. Seu décimo volume, “*Os Remanescentes*”, foi lançado, na semana passada, com 2 milhões e meio de cópias.

A falência do pai acarreta a “era da incerteza” (como cunhou Hobsbawm), o apocalipse cristão: momento de olhar para o futuro, quando, segundo a tradição, alguns se salvarão e vários serão “deixados para trás”.

Mas a resposta psicanalítica à incerteza do apocalipse não é a reinvenção do mal (para estabelecer referência), o maniqueísmo, o racismo, o nazismo. Se muitos fazem convite a deuses, vampiros e seitas (e compram livros) em busca de uma receita que os garanta no juízo final, a psicanálise afirma, inversamente, que nem todos precisam pegar o bonde da salvação. Se fosse para nomear a reunião de seu seminário, Forbes reconheceria nela a reunião dos “*deixados para trás*”, daqueles que não se apresentam devidamente para o juízo final.

Tampouco se trata de retornar ao passado em busca de referência, para a psicanálise. O apocalipse pede abertura ao futuro: sem procurar uma verdade, a orientação lacaniana é pela certeza.

Na psicanálise do apocalipse, o silêncio do analisando não incita o analista a responder com sua contratransferência (na interpretação *standard* do “eu sinto que você...”), a preencher as lacunas da história e permitir o “conhecer-se melhor”. O lacaniano localiza o silêncio no corpo, no que não foi marcado pela palavra: é o silêncio das pulsões. Por isso, em

lugar de preenchê-lo com uma verdade *standard*, o analista pode precipitar o tempo por meio das sessões curtas.

Partindo do paradigma de que não existe saber completo atingível – do qual decorre que toda a conclusão é precipitada – na clínica lacaniana o corte da sessão visa a forçar o cálculo lógico que exige da pessoa desvencilhar-se do carrego das imagens e ideais. Compele o analisando a “abandonar o lodo do gozo narcísico que o faz perder tempo de análise e de vida”.

Impensado, o cálculo lógico é um ato em que não se busca nada além da palavra: em si mesma ela é satisfação, *jouissance* (com Lacan) [segue-se apresentação, por Andréa Naccache, do trecho sobre a “poética” do texto “O discurso não-todo pragmático”].

A partir desse ponto Forbes introduz o tema da responsabilidade: se não adianta levar o analisando a buscar algo atrás da palavra (onde não há nada), é preciso levá-lo a ter conseqüência no que diz, a responsabilizar-se por um sentido por ele desconhecido. Este é o cerne da responsabilidade analítica conforme desenvolvida por Forbes ao lado de Renato Janine Ribeiro, valendo-se do exemplo de D’Artagnan e os três mosqueteiros, apresentado por Janine em seu livro *A Última Razão dos Reis* (Companhia das Letras, 1993).

Forbes ressalta que, há alguns anos, antes desse trabalho ser por eles desenvolvido, era absurdo falar em responsabilidade em psicanálise porque o termo fazia parte do discurso moral, vinculado sempre à relação com o Outro, marcado pelas funções do superego e da culpa.

A responsabilidade jurídica assume estes mesmos moldes e faz da liberdade um pressuposto da responsabilidade (se houver óleo na pista, por exemplo, juridicamente o motorista poderá não ser responsabilizado pelo acidente de seu veículo).

No exemplo de Renato Janine, ao contrário, D’Artagnan responde pelo seu acaso, seu tropeço. Ao encontrar seus heróis, Athos, Aramis e Porthos, por atos involuntários D’Artagnan vê-se obrigado, conforme a etiqueta da época, a duelar com cada um deles. Em momento algum ele cogita desculpar-se ou tentar safar-se do confronto (e desculpas são nulas para a psicanálise). É o princípio analítico, no que ele inverte a responsabilidade jurídica ou moral: somente a partir da responsabilidade é possível chegar à liberdade.

Em psicanálise, diz Forbes, estar livre é estar desvencilhado da cadeia significante. A isso Lacan nomeou “acabar com a assinatura do inconsciente”, “desligar-se do inconsciente”, a exemplo de James Joyce. No Seminário 23 – *O Sinthoma* – sobre Joyce, Lacan mostra como há quem se responsabilize pelo acaso, pela surpresa, pelo não-saber, e faça disso sua liberdade. Uma liberdade radical, que só não é psicótica porque se reinscreve no mundo.

São, portanto, dois os elementos no ensino de Forbes: primeiramente, a solidão do significante novo e, então, a rearticulação desse significante novo no mundo, o “fazer passar no mundo”. Quem fica só com o significante novo, diz ele, é forte candidato ao delírio.

Hoje, o objetivo da análise é levar a essa liberdade. Assume-se que, em princípio, uma pessoa está presa pela maneira como se inscreve na língua. Para Freud são três as formas de perder liberdade, prendendo-se à língua: neurose, perversão e, de certo modo, também a psicose.

No que diz respeito especificamente ao psicótico, Forbes esclarece que se trata menos de uma perda da liberdade que de um sofrimento nela. O psicótico, disse Lacan, sofre por estar livre, fora do discurso: não consegue se engancha na língua e disso tirar um momento de repouso. Essa exclusão o faz sofrer: uma coisa é estar excluído em um momento de criação, outra é, mesmo com um esforço enorme, “não conseguir chegar à praia da palavra”.

Para todas as três relações com a língua, a ação do psicanalista é uma só, Forbes insiste: oferecer ao analisando a experiência de quebra da reciprocidade (em oposição ao paradigma da *empatia* sempre presente em outras correntes analíticas).

Sair da reciprocidade, em um primeiro momento, é buscar a “outra cena” freudiana, fazer com que o discurso seja levado a um segundo patamar, não-recíproco, para ser aí significado sob orientação do fantasma (referência ao esquema “L” de Lacan e ao grafo do desejo). Assim se autoriza uma análise.



Um dos exemplos trazidos por Forbes é de um caso sob sua supervisão, em que o analisando afirma: “está tudo igual, essa semana”. Sem ter o que dizer, muitas vezes o analista, nesse caso, é levado a discorrer sobre a contratransferência ou dar vazão a um bate-papo, e com isso instaura a reciprocidade (contra os mecanismos analíticos). A questão, ao contrário, é como fazer disso uma análise.

De Lacan, ao “está tudo igual” do analisando, uma resposta possível seria: “aguardemos então, meu caro, mais uma semana” – e esse analisando seria acompanhado até a porta... É uma análise conduzida no limite do risco, onde Lacan tinha sucesso. Um analista que necessitasse mais cautela, diz Forbes, poderia responder: “por que você pensa que deveria ser diferente?”; ou simplesmente “claro!” – em uma interjeição que imprimiria o equívoco, gerando, conseqüentemente, a responsabilidade pelo sentido.

Na equivocidade da sua intervenção o analista autoriza que o eixo de significantes se desloque. Isso serve para qualquer pessoa, em qualquer lugar: em casa, no consultório, no hospital...

Na quebra da reciprocidade, na instauração do equívoco, perde-se a referência garantida ao passado, ao conhecimento e à verdade. A questão deixa de ser o “saber mais”, e assume-se a posição de limite do saber (lembrando que a globalização faz sofrer pelo ilimitado). Quando há responsabilidade pelo limite, diz Forbes, a palavra não está mais separada do gozo, ela é o próprio gozo.

Com tal forma de intervenção, o analista de hoje *interpreta o futuro no presente* (interpretar o futuro no futuro seria astrologia). Na passagem da industrialização para a globalização, perdemos o futuro – é o que a revista *Time* aponta como apocalipse. Daí a análise levar a pessoa a interpretar o futuro no presente: ela incide sobre “as amarrações imaginárias que não nos deixam ver o futuro que já está aqui, hoje”.

Porque do mesmo modo que a clínica avança na frente da teoria, diz Forbes, o cotidiano adianta-se a nossa percepção do cotidiano. Então, só mesmo destituída de suas amarrações imaginárias, abandonando o pensar que ensaia a ação, a pessoa pode fazer um cálculo do seu cotidiano mais satisfatório para si mesma e suportar um dizer.

Nos termos de Lacan, o final de análise é a possibilidade de um dizer “desligado do inconsciente”. É o que Forbes mostra ser “um dizer novo, criativo, provocativo, gozoso, satisfatório”, o objetivo da psicanálise.

